

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

ESA@EUROPE

Escola Secundária De Arouca

Ana Tavares

Lara Pereira

José Gomes

Armindo Fernandes

Dezembro de 2011

COMO TUDO COMEÇOU

O INÍCIO DO FIM

ATÉ QUE UM DIA SE DESCOBRIU A “VERDADE”

Tudo começou num país neo-liberal, mais livre do que a própria estátua, onde os seus Bancos vendiam créditos cotados com baixas taxas de juro. Sim, referimo-nos ao “império” dos Estados Unidos da América!

Como consequência das baixas taxas de juros, as margens dos Bancos eram baixas. Para contrariar este facto, os “engenheiros financeiros”, estrategicamente, decidiram conceder empréstimos com maior risco de incumprimento, o subprime, com taxas de juro mais elevadas. Com o objectivo de aumentar essas margens concederam crédito à habitação ao cliente “ninja” – cliente sem rendimento fixo.

Inicia-se então uma corrida ao crédito imobiliário. O valor do crédito superou o do imóvel, pois o mercado imobiliário estava com grande actividade. Visto que o dinheiro que era emprestado era mais do que o necessitado, houve a hipótese de o utilizar para financiar todos os restantes investimentos supérfluos (desde casas a viagens em família).

Durante alguns anos todas estas transacções ocorreram sem problemas, os “ninja” conseguiam pagar as suas dívidas ao Banco e, ao mesmo tempo, adquiriam cada vez mais bens, tudo isto sustentado com a ajuda do crédito, que parecia ser moda e que o cliente não hesitava em utilizar.

A economia continuava a crescer, os mercados valorizavam e construíam-se grandes fortunas. Mas o ditado é velho, “o que é bom acaba depressa”, e os Bancos, devido a quantidade de empréstimos feitos, ficaram sem dinheiro. Todavia, isso não os abalou, a ambição era tanta que a solução encontrada foi negociar empréstimos com os Bancos estrangeiros, (para alguma coisa serve a globalização!).

O início do fim. Os Bancos estrangeiros investiram capitais nos Bancos dos E.U.A., colocando em risco os investimentos e poupanças dos seus clientes. Estes riscos não eram ponderados pelas instâncias financeiras, pois os Bancos, aos quais emprestavam dinheiro, eram tutelados pela SEC (Securities and Exchange Commission)

que regula e detém a responsabilidade primária pela aplicação das leis de títulos federais e a regulação do sector de valores imobiliários nos E.U.A..

Para se salvarem da crise da insolvência, os Bancos decidiram criar hipotecas – premium e subprime – em pacotes financeiros designados por MBS (obrigações garantidas por hipotecas). Onde antes existiam 1000 hipotecas, passaram a existir 10 pacotes com 100 cada um, encobrendo, assim, o risco de incumprimento e melhorando a sua imagem perante clientes, investidores, estado e parceiros, diminuindo, ao mesmo tempo, o seu passivo em créditos.

Estávamos em Setembro de 2008 quando o 4º maior Banco dos E.U.A., Lehman Brothers, declarou insolvência depois de perder aproximadamente 4 mil milhões de euros. Pode-se concluir que este acontecimento marcou definitivamente o futuro da economia mundial.

Atravessando o oceano Atlântico, a Europa, outrora lembrada como uma região de altíssimo desenvolvimento económico e bem-estar social, passou a ver a sua imagem associada a turbulências de mercado devido à desvalorização do euro face o dólar americano e à quebra dos mercados que também levaram a que o índice de preços de casas na Zona Euro desce-se, atingindo um recorde máximo.

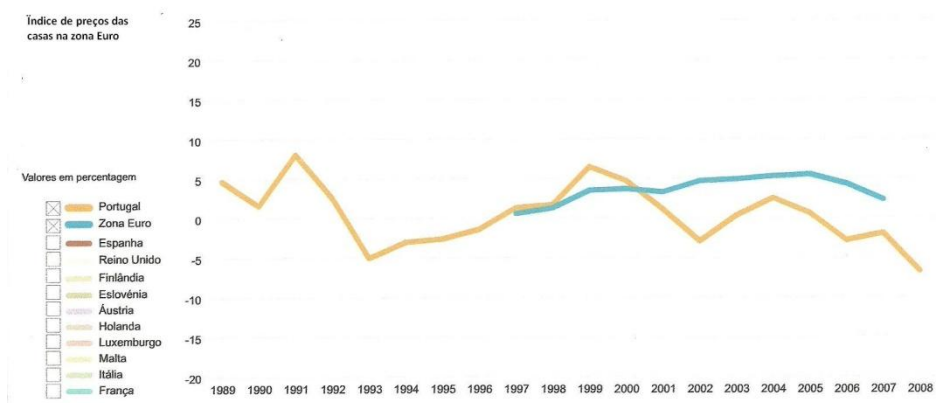


FIG.1 Gráfico - Índice do preço das casas na Zona Euro

Os Bancos europeus motivados pelo desenvolvimento económico, pelas boas relações com Bancos americanos e pelas avaliações positivas e rating elevados,

continuaram a investir em fundos que, mais tarde, se mostraram desastrosos para muitas instituições financeiras.

Os mercados começaram a sentir a diminuição dos preços das casas e o sector bancário, devido a grandes investimentos especulativos, perderam muito dinheiro, assim como os seus clientes. Pedia-se mais focalização por parte das instâncias europeias e dos próprios estados para que tal catástrofe não acontecesse.

Países como Portugal, Grécia e Irlanda que viviam acima das suas possibilidades, (o que aumentou as suas dívidas públicas), começaram a correr riscos. Estes e muitos países ultrapassaram a meta dos 60% médios da dívida pública do PIB na Zona Euro, ultrapassando os critérios de Maastricht.

Os abalos na economia americana tiveram repercussões em todo o mundo. Falando especificamente da Europa: os países mais vulneráveis, ou seja, os que importam mais do que exportam, começaram mais cedo a sentir essa crise que acabou por se alastrar a toda a Europa. Muitas foram as consequências das quais destacamos:

- **A deslocalização** de empresas importantes para economias de países emergentes onde a mão-de-obra era mais barata contribuiu também para o agravar da situação através do **aumento do desemprego**.

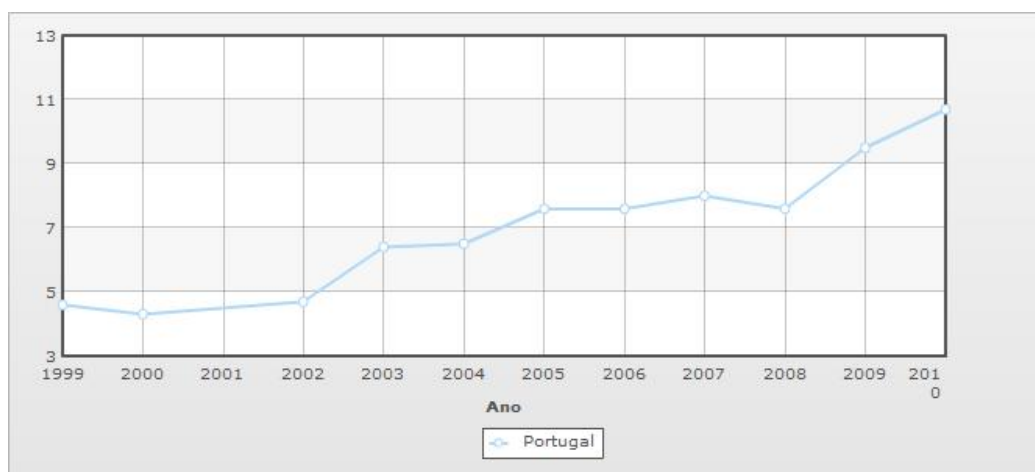


FIG.2 Gráfico – Desemprego em Portugal (percentagem)

- **Os desempregados** tinham menos dinheiro para consumir e menos condições para aceder a um crédito já que os **Bancos tomaram medidas de prevenção** face à **falta de liquidez na economia**. Com menos dinheiro para comprar, verificou-se uma quebra da taxa de crescimento, surgindo a **Recessão**.
- Os Estados começaram a ter dificuldades, tendo de tomar **medidas adicionais** (como o aumento dos impostos aumento do IVA, a diminuição dos investimentos e em alguns casos, privatizações), ou seja, medidas de austeridade. Estas causaram **instabilidade social**, desde manifestações a greves gerais.
- Com a ânsia de melhores condições de vida, visto que as oportunidades de emprego começaram a escassear, a **mobilidade demográfica aumentou**. A população tende a fixar-se em zonas do próprio país onde a oferta de emprego é maior (êxodo rural) ou até em países mais desenvolvidos economicamente (emigração).
- Notou-se e está ainda a notar-se uma **alteração no comportamento da população**. A população tende a ser mais responsável, visto que é há uma maior preocupação com a poupança, com opções mais económicas (transportes públicos, por exemplo) e menos gastos supérfluos.
- Acresceu a **dificuldade em aceder a bens primários e secundários** como cuidados de saúde e alimentação e o acesso à educação, respectivamente.

A crise na nossa região...

Com a austeridade, o Governo diminuiu a quantidade de verbas para as obras públicas. O concelho de Arouca não foi excepção.

A construção da Variante, ligação Arouca – Feira, ficou suspensa impedindo assim o desenvolvimento económico e social da região. Com as fracas vias de comunicação a fixação de empresas no concelho tornou-se difícil já que o mesmo não consegue competir com zonas urbanas como Aveiro, Porto e Lisboa, o que levou o aumento da taxa de desemprego no concelho.

Para concluir, gostaríamos apenas de dizer que somos uns simples jovens que pretendemos mostrar “ao mundo” o nosso ponto de vista sobre uma Crise criada por pessoas adultas, que marca profundamente o nosso futuro, o futuro das gerações.

Futuro pelo qual pretendemos lutar, para isso é necessário aprender com os erros do passado e projectar uma evolução da nossa e das futuras gerações.

Não queremos que isso seja o princípio do fim mas o início de uma mudança e da consciencialização da população para a necessidade de sermos cada vez mais responsáveis economicamente.

Referências

- Jornais Sol, Expresso e Público;
- Index Mundi;
- Crónica: “A Crise financeira (global) do mercado americano” - Jorge Humberto A. Saraiva, (Gestor/Consultor);

Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa ESA@EUROPE declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.